

Resenha de: Michael Mann, 2023. *On Wars*. New Haven: Yale University Press. ISBN: 978-0-300-26681-8.

DANIEL REI CORONATO

Michael Mann é um autor reconhecido por sua abordagem multidimensional ao estudo das estruturas de poder e das dinâmicas sociais ao longo da história. Como Charles Tilly e Randall Collins, Mann combinou ciências sociais e história em uma perspectiva macro-histórica, influenciado por Fernand Braudel e os *Annales*. A mudança é central em seu trabalho, explorando temas desde a ascensão e queda de impérios e Estados-nação (1990), a mudança do poder dos EUA (2004, 2006) e transformações na guerra e violência (2018), até a análise de fenômenos como o fascismo (2008) e a limpeza étnica (2005).

Nos volumes de *As fontes do poder social*, sua obra mais conhecida, Mann (2020) critica o economicismo e aproxima-se de Max Weber ao refutar uma filosofia unidirecional da história. Sua teoria se organiza na investigação e relação entre as quatro fontes de poder social: ideológico, econômico, militar e político (IEMP), essenciais para sua análise comparativa e histórica. Seu trabalho transcendeu fronteiras disciplinares, influenciando tanto a sociologia histórica quanto os estudos contemporâneos sobre poder e conflito (León 1996).

Sua abordagem multicausal tornou-se essencial para perspectivas comparativas e histórico-sociológicas, dialogando com abordagens weberianas, pós-marxistas e pós-estruturalistas sobre a realidade social como redes de poder (Reed 2014). Mann rejeita abordagens totalizantes, como a ideia de um sistema mundial único ou uma lógica “realista” dominante, e contesta determinações generalizantes da história, como a luta de classes (Mann 2006). As combinações de suas quatro fontes de poder estruturariam as sociedades, sem uma fonte sempre predominante, proporcionando uma análise ampla para a compreensão das mudanças nas fontes de poder.

Segundo Stephen Hobden (1998), Mann tornou-se um pesquisador proeminente ao explorar como combinações de fontes de poder estrutura-

Daniel Rei Coronato é doutor em Relações Internacionais pelo Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas (Unesp, Unicamp e PUC-SP) em 2017. Professor de Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande e pesquisador do Lahpis – Laboratório de História da Política Internacional Sul-americana, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos da Defesa e Segurança (PPGEST-UFF). orcid.org/0000-0001-7129-1077. E-mail: daniel_coronato@hotmail.com.

ram sociedades humanas ao longo da história. George Lawson (2007) categoriza Mann entre os autores que criaram um corpo teórico preocupado em evitar a busca por padrões determinantes na história. Mann adotaria assim uma abordagem indutiva, reconhecendo a complexidade e as incertezas dos processos históricos, permitindo abstrações e considerações de longo alcance sem desprezar os detalhes.

Na obra *On Wars* (2023), Mann busca, a partir de seu alicerce teórico, desenvolver uma ampla reflexão acerca do fenômeno da guerra. O livro é extenso, dividido em quinze capítulos, iniciando por uma apresentação do repertório conceitual e seguindo para uma narrativa centrada na história das guerras desde a antiguidade romana até os paradoxos dos conflitos contemporâneos. Nesse intervalo, o autor perpassa por momentos considerados paradigmáticos, como a China antiga e imperial, o Japão medieval e moderno, as guerras na modernidade europeia e os conflitos na América do Sul e Central. O livro também examina as guerras recentes, finalizando com especulações sobre futuros possíveis e uma conclusão sobre padrões de guerra.

Na obra, Mann investiga as complexas raízes da guerra sem se limitar às táticas ou armas, exceto quando entende que elas importam. Preocupado com o fenômeno da guerra, Mann se interessa em explorar o que determinaria a escolha entre a paz e a guerra, e se as guerras seriam impulsionadas pela natureza humana, pela natureza da sociedade humana ou por outras forças, debatendo a ideia da racionalidade da guerra e se aquelas trariam benefícios para as sociedades que as praticariam. Essas problemáticas estão centradas na sua crítica às alegações de Steven Pinker (2011), de que as guerras estariam em declínio, demonstrando que a questão, vista em perspectiva histórica, seria mais complexa.

Para ele a guerra é uma construção social, acima de qualquer outra coisa. A guerra é uma escolha irracional de lideranças políticas que, moldados pelos seus ambientes sociais e percepções, optam por ela. Dessa forma, ele rejeita a ideia de que a guerra pode ser explicada por uma única teoria abrangente, argumentando que suas causas seriam diversas e dependeriam de fatores como: ecologia, classes, etnias, política interna, ideologias, emoções e as competências e desejos individuais dos líderes. Mann contesta, assim, a ideia de que os humanos seriam geneticamente predispostos à guerra, afirmando que as sociedades, e não a natureza humana universal, causam guerras.

Segundo o autor, a guerra organizada tornou-se onipresente apenas quando os assentamentos agrários fixos geraram Estados e classes sociais, ou seja, havendo uma conexão entre a guerra e a formação e consolidação de Estados. A obra busca então criar várias categorias de guerras —

agressão, defesa, provocação mútua, escalada e assimétricas — explorando novos repertórios conceituais sobre o fenômeno. Ademais, argumenta que, enquanto a civilização torna a matança mais fácil, organizada, legítima e eficiente, os avanços tecnológicos não tornaram a guerra menos violenta.

Ao longo da obra, Mann busca debater como seria possível criar mecanismos de paz mais duradouros, destacando a importância de desenvolver condições sociais que incentivem a contenção e a diplomacia. Parte da sua sugestão estaria na necessidade de superação de perspectivas realistas que dominam a ciência política, e sustenta que, em um mundo anárquico, os líderes tomam decisões racionais para proteger seus interesses. Ele argumenta que essa visão subestima o papel da política interna, dos erros de cálculo, das emoções e da “estupidez” nas decisões de guerra.

Em sua argumentação, rejeita a noção de que as guerras estão em declínio devido à ascensão da democracia, do comércio internacional ou de outros fatores. O que estaríamos experimentando nos últimos anos, em especial no Oriente Médio e na fronteira russa, seria a volta das guerras de expansão, que teriam potencial de grande escalada, além de enterrar a ideia de que a guerra teria sido praticamente abolida após 1945, especialmente na Europa.

Mann discute, também, como os EUA, a potência imperial dominante, têm utilizado intervenções militares para fortalecer ou substituir regimes locais, criticando a retórica que justifica essas ações. Ele observa que, enquanto os “ocidentais” ficam horrorizados com a violência no resto do mundo, como tortura e decapitações, eles aceitam a morte de longo alcance infligida por *drones* e mísseis. Menciona, também, que os avanços na tecnologia, como *drones*, tornam a guerra mais aceitável para o público, pois menos soldados morrem, mesmo que mais pessoas morram no exterior.

Além disso, critica os discursos que veem o expansionismo e o imperialismo como benéficos para os avanços da civilização, e da ideia de que a paz virá com um grande líder hegemônico, argumentando que essa visão ignora a complexidade das causas da guerra. E conclui, por fim, que os EUA não entendem totalmente seu papel no cenário mundial, e que a paz só poderia ser alcançada através da contenção e diplomacia, não pela força militar.

On Wars, de Michael Mann, embora ambicioso em seu título e escopo, revela algumas limitações ao tentar avançar de forma fundamental na teoria da guerra contemporânea e nos debates sobre política internacional, não sendo capaz de responder de forma tão contundente as problemáticas propostas. No entanto, a força da obra reside na riqueza de seus exemplos históricos e na crítica às visões simplistas da natureza da guerra. Cada capítulo funciona como uma investigação única, com exemplos históricos que

abrem portas investigativas únicas e instigantes, oferecendo repertórios e conceitos que enriquecem o entendimento das complexidades dos conflitos ao longo da história. Assim, apesar de suas fragilidades, produto da preensão da obra, *On Wars* contribui significativamente para a formação do repertório daqueles interessados na história das guerras e, por extensão, na própria história.

REFERÊNCIAS

- Hobden, Stephen. 1998. *International Relations and Historical Sociology: Breaking Down Boundaries*. London: Routledge.
- Lawson, George. 2007. "Historical Sociology in International Relations: Open Society, Research Programme and Vocation." *International Politics* 44, no. 4: 343–368.
- León, Pablo. 1996. "Otra Vuelta de Tuerca para la Sociología y la Historia: Michael Mann y sus Fuentes del Poder Social." *Historia Social* 26: 113–127.
- Mann, Michael. 1990. "Introduction: Empires with Ends." In *The Rise and Decline of the Nation State*, edited by Michael Mann. Oxford: Basil Blackwell Ltd.
- Mann, Michael. 2004. "The First Failed Empire of the 21st Century." *Review of International Studies* 30, no. 4: 631–653.
- Mann, Michael. 2005. *The Dark Side of Democracy: Explaining Ethnic Cleansing*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mann, Michael. 2006. "The Sources of Social Power Revisited: A Response to Criticism." In *An Anatomy of Power: The Social Theory of Michael Mann*, edited by John A. Hall and Ralph Schroeder. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mann, Michael. 2006. *O Império da Incoerência*. Rio de Janeiro: Record.
- Mann, Michael. 2008. *Fascistas*. Rio de Janeiro: Record.
- Mann, Michael. 2018. "Have Wars and Violence Declined?" *Theory and Society* 47, no. 1: 37–60.
- Mann, Michael. 2020. *As Fontes do Poder Social: Vol. 1. Uma História do Poder Desde o Início Até 1760 d.C.* Translated by Raquel Weiss and Clara Tassinari Alves. Petrópolis, RJ: Vozes. (Coleção Sociologia)
- Mann, Michael. 2023. *On Wars*. New Haven: Yale University Press.

Pinker, Steven. 2011. *The Better Angels of Our Nature: Why Violence Has Declined*. New York: Viking.

Reed, Isaac Ariail. 2014. “Poder: Dimensões Relacional, Discursiva e Performática.” *Sociedade e Estado* 29, no. 2: 473–510. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922014000200009&lng=en&nrm=iso. Accessed December 07, 2024.